

As solas dos sapatos brancos: livro-reportagem como fonte de pesquisa acadêmica



Hendryo André

Doutor em Jornalismo/
Universidade Federal de
Santa Catarina/UFSC.
Bolsista de pós-douto-
rado (PNPD/Capes) do
Programa de Pós-Gradu-
ação em Jornalismo da
Universidade Estadual
de Ponta Grossa/UEPG.

E-mail: [hendryoandre@
gmail.com](mailto:hendryoandre@gmail.com)

Uma apresentadora do mundo das celebridades entrevista um homem numa enfermaria. A aparência de desvalido do paciente salta aos olhos devido à voz fraca que dissipa frases confusas, algo que piora pelo fato dele estar com problemas de audição e desdentado. As lamentações pelo desfecho daquela existência – que se encerraria três anos mais tarde, em 2005 – são ignoradas pela repórter, que o presenteia com um par de

sapatos reluzentes enquanto diz que o país torce por sua recuperação. Ele chora. Talvez por desespero, provavelmente por conhecer bem as regras do jogo que ajudou a criar.

Com expressividade melodramática, a entrevista trata de um dos períodos mais decadentes da história de Jacinto Figueira Júnior, conhecido como o *homem do sapato branco*. O apelido ganhou força graças ao programa homônimo que o tornou uma figura de renome ainda na década de 1960, época em que a televisão se popularizou no Brasil a ponto de se consolidar como uma instituição social – quando deixou de transpor características do rádio e do teatro, passou a criar uma linguagem própria e construiu uma programação adaptada à rotina familiar.

Ao sair do hospital, Jacinto, em vez de ir para casa, foi levado diretamente ao estúdio televisivo – algo similar ocorria quase quatro décadas atrás, com pessoas detidas que, antes de serem encaminhadas à delegacia, eram forçadamente levadas ao programa e tinham suas imagens expostas. Em 2002, após deixar a casa de saúde, compareceu ao programa em uma cadeira de rodas e com o presente. Sensacionalismo puro, o último ato midiático de Jacinto revela o quanto o “criador” viraria vítima grotesca da própria criação.

Documentar o jornalismo

Em um país cujas fontes históricas, quando arquivadas, costumam estar depositadas precariamente em porões e almoxarifados, resgatar fragmentos do passado para estabelecer interfaces com o tempo presente torna-se uma missão relevante. No que concerne, em especial, aos arquivos televisivos, muito do que foi produzido desde a chegada do videoteipe, em 1962, foi perdido. A parte conservada está sob tutela das emissoras, concessões públicas, mas que agem com certa conveniência enquanto controladoras de acervos que deveriam servir de fonte primária para investigações de gênese histórica. Esses empecilhos ajudam a explicar a prevalência de trabalhos acadêmicos nos campos da comunicação e do jornalismo marcados por uma ideia de *presentismo*, ou seja, a noção de que a maioria das pesquisas “privilegia aspectos e problemas relacionados à contemporaneidade: estudos sobre pós-modernidade, globalização, novas tecnologias, etc” (Ribeiro; Herschmann, 2008, p. 14).

A situação piora quando se pensa em produções televisivas marginalizadas pelos estudos da área, tais quais os programas de verve sensacionalista. Só por esses fatores, a leitura do trabalho de pesquisa do crítico de TV e pesquisador Mauricio Stycer – reunido em *O homem do sapato branco: a vida do inventor do mundo cão na televisão brasileira* (Stycer, 2023) – já valeria a pena. Reunido em 20 curtos capítulos que descrevem, cronologicamente, a vida do apresentador, a obra, classificada como um livro-reportagem biográfico, traz algumas características relevantes para quem busca explorar, sob a perspectiva da pesquisa acadêmica, a construção de um jornalismo voltado à cobertura e à exploração das mais variadas formas de violência.

O programa foi exibido na TV Cultura (1965-1967), Bandeirantes (1968), Globo (1968-1969) e, após um intervalo de uma década, retomado pela Record (1979), TVS e SBT (1981-1982). Neste tempo, o apresentador se ancorou

[...] na mistura de jornalismo com entretenimento; na bajulação da polícia e na espetacularização da violência; no desrespeito aos pés de chinelo acusados de crimes; na postura de interrogador e não de entrevistador; na atitude de xerife do consumidor; na encenação, sem aviso ao espectador, de situações dramáticas; no ilusório assistencialismo aos miseráveis” (Stycer, 2023, p. 8).

A necessidade de fontes bibliográficas descritivas sobre a história da televisão, especialmente a partir da década de 1960, quando o meio passou a experimentar uma linguagem própria, desgarrada tanto do rádio quanto do cinema e do teatro, torna o trabalho de Stycer (2023) uma fonte notória. Ao reunir consultas ao que ainda é preservado dos arquivos originais, alguns digitalizados, entrevistas e materiais que circularam na imprensa nos mais diversos períodos sobre o perfilado, o autor revela, mediante facetas de um personagem inquietante, aspectos de um ecossistema de mí-

dia que perpassa da experimentação de um meio de comunicação recém-criado – de produções fora de estúdio a encenações e escândalos – às confrontações com um sistema político autoritário, que o viu, durante alguns momentos, como subversivo.

Neste sentido, mostra o caráter reacionário da ditadura militar com programas que exploram o sensacionalismo, algo que pode ser considerado até certo ponto distinto da forma como determinados valores hoje foram popularizados. A vinculação entre âncoras de programas criminais, por exemplo, e setores da extrema direita contemporânea no Brasil está agudizada. Isso se deve, de fato, à própria sobreposição do teor moralista e punitivista na cobertura com viés sensacionalista da imprensa atual (André, 2021). Ao conviver com o AI-5, por outro lado, Jacinto, um deputado “mediocre”, conforme Stycer (2023), acabou cassado por ferir aspectos morais da época. Inaugurou, contudo, uma dinâmica de conciliação entre apresentação de programas sobre violência e carreira política, aspecto tão comum hoje em dia.

Aqui vale alguns adendos para quem deseja utilizar a obra como referência para estudos acadêmicos: o primeiro é que pesquisas descritivas, especialmente quando centradas na história de um protagonista, podem em alguns momentos soar como deterministas. Não se trata de um erro metodológico do autor, pois se entende que um livro-reportagem não tenha tal compromisso, mas de um cuidado que o pesquisador que se detiver à obra como fonte de consulta precisa ter. Significa dizer que mais que *inventor* de uma forma de se produzir jornalismo voltado às classes populares, o papel de Jacinto – e dos produtores que o acompanharam ao longo da carreira, assim como das emissoras concorrentes naquele contexto – foi o de conseguir fazer uma competente leitura da conjuntura do Brasil da década de 1960. Um país que vivia um processo verticalizado de modernização, com crescimento do fluxo migratório para os centros urbanos, que cresciam de forma desordenada, sem a garantia de diversos direitos fundamentais, o que propiciava o adensamento de problemas como os de segurança pública (André, 2021).

O segundo adendo se refere às próprias limitações inerentes a uma obra como um livro-reportagem quando se procura lê-lo como fonte de consulta: consequência do caráter descritivo, a centralidade memorialística, ou seja, aquela que é “orientada e baseada em grandes feitos, singularidades, que privilegia a ruptura, produzida por fatos considerados marcantes e sucedidos numa linearidade absoluta de tempo” (Ribeiro; Herschmann, 2008, p. 20), é uma questão que, por vezes, pode romantizar o protagonista da história.

Feitas tais ressalvas, a obra, por outro lado, traz uma série de informações primordiais para quem visa se debruçar para a compreensão das implicações do gênero criminal na televisão brasileira, sobretudo, por uma perspectiva histórica.

Referências

ANDRÉ, H. **As margens e às margens do telejornalismo**: como noticiários criminais fortalecem o conservadorismo das classes populares. Florianópolis: Insular. 2021.

RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. História da comunicação no Brasil: um campo em construção. In: RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M (orgs.). **Comunicação e história**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X; Globo Universidade, 2008. p. 13-26.

STYCER, M. **O homem do sapato branco**: a vida do inventor do mundo cão na televisão brasileira. São Paulo: Todavia, 2023.